

A DEPRESSÃO NA ATUALIDADE

Esio dos Reis Filho

Especialista em Psiquiatria pela AMB

Psicanalista pelo Instituto Sedes Sapientiae

Professor do Departamento Formação em Psicanálise, do Instituto Sedes Sapientiae

Professor do Instituto de Psiquiatria e Psicoterapia da Infância e Adolescência (IPPIA)

Resumo: Este texto apresenta uma tentativa de compreensão da depressão na atualidade, relacionando-a com a idéia de um “excesso de desamparo”, típico da pós-modernidade, que se contrapõe um “excesso de amparo” verificado até o final do séc. XIX, quando florescia a histeria de conversão. Procura-se um embasamento dessa idéia na metapsicologia freudiana, principalmente no texto “O mal-estar na civilização”, de 1930.

Resumen: Este texto presenta una tentativa de comprensión de la depresión en la actualidad relacionandola con la idea de un exceso de desamparo, típico de la posmodernidad, que se contraponen a un exceso de amparo verificado hasta el final del siglo XIX, cuando florecía la histeria de conversión. Se busca también las bases de esta idea en la metapsicología freudiana, principalmente en el texto “El malestar en la cultura” de 1930.

Pretendo apresentar uma tentativa de compreensão da depressão nesta nossa época, que se convencionou chamar de pós-modernidade, usando como contraponto a situação da histeria de conversão no panorama geral da psicopatologia no final do séc. XIX, articulando essa idéia com alguns balizamentos oferecidos por Freud principalmente em seu texto de 1930, O mal-estar na civilização, e por Joel Birman, em seu livro Mal-estar na atualidade, de 1998.

I - A histeria de conversão em sua época áurea

Muito se tem falado sobre a histeria ter estado no auge da moda na segunda metade do séc. XIX. Não que ela não tenha estado presente desde as feiticeiras com as quais a Inquisição gozou, queimando-as, no início da modernidade; nos êxtases das beatas frente aos altares; nas fogueiras das vaidades das cortes europeias dos “Luizes” franceses e “Habsburgos” austro-húngaros, etc. Mas foi propriamente a partir dos roteiros e scripts preparados cuidadosamente por Charcot e Freud que a histeria se firmou como a prima dona do show business psicopatológico da época.

Esse arranjo não se montou por acaso: a ordem geral nesses tempos era a implacável e feroz repressão da sexualidade, conduzida pela batuta de uma moralidade hipócrita e artificial. Porém, implacável e feroz era também o retorno do reprimido. Pois bem, coube à histórica (intrinsecamente ligada à questão da repressão) fazer a denúncia desse instável arranjo: seus sintomas eram a encenação, no corpo, dos proscritos desejos sexuais que insistiam

em retornar, buscando migalhas de prazer, mesmo que fantasiadas de sofrimento e/ou indiferença espetaculares.

Gostaria de dissecar um pouco a idéia acima colocada de implacável e feroz repressão da sexualidade. Para que isso ocorresse, teríamos que ter agentes muito eficazes dessa repressão, que apesar de arautos daquela moralidade hipócrita, seriam figuras, entidades, representações, imagens, etc., muito poderosas, severas e atuantes no mundo exterior e na arquitetura psíquica dos pacientes.

“A experiência mostra, contudo, que a severidade do superego que uma criança desenvolve, de maneira nenhuma corresponde à severidade de tratamento com que ela própria se defrontou. A severidade do primeiro parece ser independente da do último. [...] No entanto, também seria errado exagerar essa independência; não é difícil nos convenceremos de que a severidade da criação também exerce uma forte influência na formação do superego da criança.”(grifo meu) [FREUD, S.: O mal-estar na civilização, 1930, ESB, vol. XXI, p. 154, Imago Ed., 1974].

Isto é, poderíamos pensar que a histérica, apesar de brutalmente reprimida, cerceada, impedida, engessada, conseguia preservar um trunfo muito significativo em suas mãos: tanto no seu mundo exterior (figuras poderosas da sociedade), como no interior (o superego), ela contava com um amo e senhor, um mestre, que dela se ocupava com extrema dedicação: o severo, atento e eficaz agente repressor. Uma figura fálica, sem dúvida, mas que propiciava à paciente um certo grau de sustentação, uma razoável garantia consciente ou inconsciente de que contava com alguém ligado a ela, afastando, dessa forma, a vivência de desamparo. Estou me referindo à idéia de desamparo do sujeito frente à pulsão de morte, introduzida por Freud em sua segunda teoria das pulsões, em 1920.

No final do séc. XIX estávamos, portanto, num panorama psicopatológico em que a histeria de conversão dominava uma cena em que ainda tinham vez figuras de autoridade, legítimas ou não, mas atuantes e valorizadas: governantes, religiosos, professores, sábios, líderes carismáticos, etc., etc., chegando até a autoridade que o comum e silvestre pater familias preservava.

O que quero frisar, baseando-me na estrutura da histeria e sua época, é a idéia de que, nesse tempo, a cultura propiciava ao sujeito uma intrincada e funcionante rede de apoio ou sustentação, que poderíamos entender, de uma forma simplificada, como um “excesso de amparo”.

II - Os cataclismas da modernidade engendrando o vazio da pós-modernidade

A modernidade se caracteriza por ser uma época em que essas figuras paradigmáticas de autoridade vão, lenta e progressivamente, sendo destruídas. Desde Nietzsche, anunciando a morte de Deus, passando pelos reis sendo guilhotinados, pelos czares fuzilados, pelos governantes desacreditados, pelos professores ridicularizados, pelos religiosos corrompidos, etc., etc., os ícones dessa cultura repressora descrita acima vão sendo derrubados, a figura de autoridade senso latu, lenta e progressivamente vai se esmaecendo até ficar quase totalmente fora de moda.

Como conseqüência de toda essa demolição alucinante, engendra-se uma nova época, cujo início alguns colocam a partir da 1ª Guerra Mundial, a chamada pós-modernidade. A característica básica desse novo tempo seria o progressivo desaparecimento, até chegar quase à total ausência, dessa imagem de autoridade.

“O superego de uma época de civilização tem origem semelhante à do superego de um indivíduo. Ele se baseia na impressão deixada atrás de si pelas personalidades dos grandes líderes - homens de esmagadora força de espírito ou homens em que um dos impulsos humanos encontrou sua expressão mais forte e mais pura e, portanto, quase sempre, unilateral.” (grifo meu) [FREUD, S., O mal-estar na civilização, 1930, ESB, vol. XXI, p. 166, Imago Ed., 1974].

Não temos mais esses “grandes líderes - homens de esmagadora força de espírito”: não temos mais aqueles severos e atuantes agentes da repressão, aquelas figuras que encarnavam e aplicavam a “Lei” - o superego nunca mais será o mesmo. Aliás, nem o ego e nem o id.

No lugar desses líderes de que fala Freud, temos, mais aqui por perto de nós, figuras como Maluf e as contas em Jersey, Jader Barbalho e o Banpará, ACM e a lista das votações, FHC e as mazelas do apagão, Collor e Rosane e a ópera bufa que encenaram, etc. Mais longe, temos Clinton e os malabarismos com charutos no salão oval, religiosos de várias origens e suas orgias com garotos adolescentes, governantes japoneses se suicidando após polpudos subornos, um papa que inspira pena pelo seu estado de decadência física, Edir Macedo com seus bilhões surrupiadados de fiéis crédulos e submissos enredados no violento e predador comércio de bens de salvação, Reverendo Moon e seus processos por sonegação fiscal, Richard Nixon e seu impeachment, etc., etc. Uma das últimas capas da revista Veja tratava da decadência e enfraquecimento do homem comum - a manchete era a seguinte:

“Homem - O Super-herói Fragilizado - Estudos recentes mostram que a grande angústia masculina é enquadrar-se na imagem tradicional do macho: seguro, frio, corajoso, bem sucedido, agressivo e provedor.”

Não temos mais as históricas reprimidas denunciando uma repressão que quase já não existe mais. Por isso mesmo, o que temos agora, é uma liberação geral de impulsos humanos, às vezes muito aterrorizantes, que sempre se procurou repelir e manter sepultados nas profundezas do Inconsciente, mesmo que nem sempre com tanto sucesso assim.

Assistimos, então, progressivamente, à liberação desenfreada da sexualidade em todos os seus aspectos, a agressividade cada vez mais à solta, as gangs, os punks, os darks, os skin heads, os hulligans, os pichadores, os terroristas, até situações extremas, provocando o pavor das guerras química ou biológica.

“... o discurso freudiano colocou a figura do desamparo no fundamento do sujeito. Este agora assume uma feição trágica, marcado que seria pela finitude, pelo imprevisível e sem ter qualquer garantia absoluta para se sustentar. É o vazio e o abismo que estão permanentemente sob seus pés, num vórtice tempestuoso que pode engoli-lo a qualquer momento, pois a morte o espreita com sua face tenebrosa e hedionda em todos os instantes.” [BIRMAN, J., Mal-estar na atualidade, Ed. Civilização Brasileira, 1999, p. 43].

III - O desamparo e a depressão na atualidade

Por isso tudo, na psicopatologia da pós-modernidade, não cabe mais a figura da histérica desmaiando e sendo socorrida, pressurosamente, por um gentil cavalheiro. O que encontra lugar nestes tempos tenebrosos é o desamparo, o mal-estar, a depressão, o pânico.

Da mesma forma que a histeria era o quadro psicopatológico que, coerentemente com sua psicodinâmica, denunciava o arranjo cultural do final da modernidade e início da idade contemporânea, a depressão e o pânico poderiam ser vistos como os quadros psicopatológicos que emergem da tessitura dramática e desesperançada da cultura pós-moderna.

Visualizamos este sujeito da pós-modernidade como alguém em queda livre, desesperado para encontrar algo em que se segurar, algum referencial fálico que lhe dê um mínimo de sustentação nesse horizonte depressivo e desolador. Pensemos novamente na última frase da citação acima referida de Joel Birman, tendo em mente as pessoas que estavam no World Trade Center, em Nova York, no último dia 11 de setembro:

“É o vazio e o abismo que estão permanentemente sob seus pés, num vórtice tempestuoso que pode engoli-los a qualquer momento. Pois a morte o espreita com sua face tenebrosa e hedionda em todos os instantes.”

No instante seguinte, primeiro uma e depois a outra torre desabam. Milhares de pessoas são engolidas num vórtice tempestuoso e desaparecem no abismo, no vazio que se abre sob seus pés, em meio às toneladas de escombros... tudo isso devida e espetacularmente transmitido ao vivo para todos os televisores do mundo.

Isto é, aquele arranjo cultural que, como vimos acima, chegava a produzir um, poderíamos dizer, sufocante “excesso de amparo”, até a virada dos sécs. XIX - XX, hoje, no início do séc. XXI, sofreu uma grande guinada e nos lança num tenebroso “excesso de desamparo”. Entendo a depressão na atualidade como a consequência necessária desse lamentável estado de coisas.

IV - A metapsicologia freudiana e o desamparo

No meio desse soturno panorama, podemos compreender a grande guinada da metapsicologia freudiana em 1920. Até então, Freud ainda lutava bravamente pela cientificidade de sua psicanálise, acreditando, um pouco ingenuamente, que curar é possível:

“... mas prometi perdoá-la por ter-me privado da satisfação de curá-la de seus problemas.” (grifo meu) [FREUD, S., O Caso Dora, 1905, ESB, vol. VI, p. 118, Imago Ed., 1974].

A psicanálise, como disciplina científica, nos moldes clássicos do enfoque positivista, teria suas técnicas próprias de diagnóstico, tratamento e cura das doenças mentais.

“...o discurso psicanalítico teria a pretensão de se inscrever na ordem da ciência e, conseqüentemente, poderia regular as relações entre a força da pulsão, seu objeto e seus representantes.” (grifo meu) [BIRMAN, J., Mal-estar na atualidade, Ed. Civilização Brasileira, 1999, pg 134].

O psicanalista, tanto quanto um médico, deteria em suas mãos o poder de curar, o que o colocaria numa posição de autoridade, tal como descrevi acima, encaixando-se perfeitamente no arranjo cultural do final do séc. XIX.

Mas nem tudo transcorreu conforme esse modelo inicial, no qual Freud edificou a sua psicanálise. O discurso freudiano teve que ir levando em conta que essa expectativa inicial de cura do sujeito não podia ser realmente levada a cabo.

Em 1920, logo após o término da 1ª Guerra Mundial, a morte, nua e crua, se introduz de vez no pensamento freudiano. Ele especula sobre o impulso de morte em seu texto Além do princípio do prazer. A partir daí não há mais retorno possível: o discurso freudiano sobre o homem desemboca irremediavelmente no desamparo, na finitude, na falta de garantia.

“Pode-se dizer, enfim, de maneira indubitável que o discurso freudiano acreditava, em sua versão primeira, que o desamparo poderia ser curável pela psicanálise; na sua última versão, essa crença se mostrava insustentável, ingênua e presunçosa.” [BIRMAN, J., Mal-estar na atualidade, Ed. Civilização Brasileira, 1999, p. 130].

Esta seria, então, a linha mestra que perpassa o texto O mal-estar na civilização: sendo, o desamparo humano originário, e estando na base da própria constituição do sujeito, ele é incurável, isto é, a civilização não dá conta de dominar esse desamparo. A pulsão de morte, ou seja, pulsão desligada de qualquer representação e que só tende à descarga, seria indomável, estaria sempre presente, espreitando continuamente o sujeito e confrontando-o permanentemente com a sua situação originária de desamparo e de falta de garantia. Por isso, o mal-estar daí decorrente torna-se inerente à civilização humana.

Essa compreensão da depressão ligada à idéia de desamparo é também o que nos traz Daniel Delouya em seu livro Depressão. Ele diz:

“Se a condição originária de desamparo é ‘a fonte e o protótipo’ (Freud, 1926) da depressão, trata-se de distinguir a forma com que essa condição imprime a natureza do psíquico, engendrando suas características e suas qualidades.” (grifo meu) [DELOUYA, D., Depressão, Ed. Casa do Psicólogo, 2000, p. 44].

Num livro recente, de 1999, Fédida nos apresenta vários ensaios sobre a depressão, enfocando, de forma densa e elaborada, alguns temas a ela ligados, tais como o agir depressivo, luto-depressão-melancolia, a relíquia, o vazio da metáfora, etc. Faz colocações extremamente ricas e interessantes, como:

“...depressão define-se por uma posição econômica que diz respeito a uma organização narcísica do vazio...” (p. 39); “A depressão não seria a experiência vital da morte impossível?” (p. 40); “O vazio é o protótipo depressivo arcaico do espaço psíquico.” (p. 102). [FÉDIDA, P., Depressão, Ed. Escuta, 1999]

Fédida não fala, explicitamente em desamparo, mas os termos “vazio”, “morte impossível”, “imobilidade do corpo”, “ausência” e outros que aparecem em todo o seu texto, fazem ressonâncias muito vivas com a idéia freudiana de desamparo.

V - Tentativas de escape

Podemos observar o surgimento de movimentos na cultura que tentam nos proteger, possibilitando algum tipo de escape dos quadros depressivos na atualidade.

Um desses seria o impressionante nível de investimento econômico na indústria farmacêutica, visando a criação de anti-depressivos de 3ª, 4ª, etc., gerações. Surgem, a cada dia, novas pílulas da felicidade, consumidas avidamente por legiões de pacientes deprimidos, que, farmacologicamente, tentam escapar da vivência de desamparo na qual estão irremediavelmente aprisionados. Em relação a elas, um fato curioso é que, hoje em dia, muitos médicos, de quaisquer especialidades e não mais apenas os psiquiatras, receitam um prozacinho para seus pacientes, just in case.

Num registro mais alienado e destrutivo, teríamos o lamentável e significativo boom atual das outras drogas, as do narcotráfico, que invadem todos os estratos da sociedade, com a mesma finalidade de nos trazer felicidade e bem estar químicos.

Nessa mesma linha, assistimos, às vezes com certo espanto, à proliferação desenfreada de religiões, seitas, sub-seitas, etc., as mais impensáveis. Vemos, também, o misticismo em alta, com seus cristais, pirâmides, florais de Bach, gnomos, fadas, anjos, etc.

Todos esses fenômenos poderiam ser entendidos como aquela tentativa desesperada que o sujeito pós-moderno faz de se agarrar a algum referencial fálico que lhe dê, ao menos, uma sustentação mínima, como referido acima.

Outros pensadores, com sua argúcia, nos ajudam a entender alguns fenômenos da pós-modernidade, que também visam dar conta do pano de fundo depressivo característico desta época.

Guy Debord, pensador francês, introduz a noção de sociedade do espetáculo em 1967. Estamos todos num grande palco, onde o que importa é brilhar, fazer sucesso, ser aplaudido, tendo a meta da vida se convertido em conseguir manter-se sob as luzes da ribalta. The show must go on e I'm the best, fuck the rest são máximas que têm dominado o ideário da cultura popular ocidental, tentando banir da cena cultural o espectro da depressão.

O americano Christopher Lasch cria, em seu livro de 1979, o conceito de cultura do narcisismo, complementando a idéia de sociedade do espetáculo do Debord: devo estar centrado apenas em meu próprio umbigo, lustrando compulsivamente a minha imagem, para obter um brilho cada vez mais ofuscante e mais atordoador, que me impeça de ver a solidão mortífera, estéril e deprimente do meu narcisismo.

VI - E agora, José?

Esse “mal-estar”, não podendo ser curado, deverá ser permanentemente gerenciado pelo sujeito. A cultura de cada época e de cada lugar fornecerá o instrumental, tanto extra como intra-psíquico, para que o sujeito realize esse gerenciamento. Penso que o surgimento

na atualidade, tanto de quadros depressivos quanto de pânico, está na dependência do gerenciamento desse “mal-estar” constitutivo da civilização.

A pós-modernidade, como vimos acima, não tem sido pródiga em propiciar ao sujeito da atualidade um instrumental eficaz para esse gerenciamento, dificultando a estruturação de um aparelho psíquico bem integrado, com boa capacidade de simbolização. A vivência de desamparo e de falta de garantia vai, então, tomando corpo de forma avassaladora: basta vermos as manchetes dos jornais, nestes tempos tenebrosos de obscurantismo, fundamentalismos, violência predatória dos mais fortes sobre os mais fracos, paroxismos de destrutividade estremecendo o planeta.

Como será possível evitar o mal-estar, a depressão, o pânico, se sabemos que o próximo envelope ou revista entregue pelo correio poderá conter o “Antrax” que nos matará? Enquanto estou escrevendo este texto, arrisco uma olhadela na manchete do jornal de hoje: “O Antrax chega ao Senado dos EUA”.

E agora, José? Para onde irá a nossa civilização? O poder de destruição do homem nunca foi tão grande. Como esse poder será usado numa possível 3ª Guerra Mundial?

Penso que essas perguntas estão pairando no ar, no mundo todo, fazendo um barulho ensurdecedor. Bons tempos aqueles em que Freud denominava seu texto de “O mal-estar na civilização”. Se ele tivesse de escrevê-lo hoje, um bom nome seria “O pânico na civilização”, ou, quem sabe, “O mal-estar na barbárie”.

Abstract: This paper presents a comprehension trying of present time depression, relating it with the idea of an “helplessness excess”, typical of the post-modernity. This opposes itself to an “help excess” verified until the end of the XIXth century, when the conversion hysteria was flourishing. A basement of this idea is searched in freudian metapsycology, mainly in the paper “Civilization and its Discontents”, 1930.

Palavras Chave: Depressão, pânico, excesso de desamparo, excesso de amparo, pós-modernidade.

BIBLIOGRAFIA:

- BIRMAN, J., Mal-estar na atualidade, Ed. Civilização Brasileira, 1999.
DEBORD, GUY, A Sociedade do espetáculo, Ed. Contraponto, 1997
DELOUYA, D., Depressão, Ed. Casa do Psicólogo, 2000.
FÉDIDA, P., Depressão, Ed. Escuta, 1999.
FREUD, S., O Caso Dora, 1905 ESB, vol. VI, Imago Ed., 1974].
-----, O mal-estar na civilização, 1930, ESB, vol. XXI, Imago Ed., 1974.
-----, Luto e melancolia, 1915, ESB, vol. XIV, Imago Ed., 1974.
LASCH, C., The Culture of Narcissism., Warner Basic Books, N.Y., 1979

Texto publicado no Boletim do Depto. Formação em Psicanálise, ano X, vol X, nº 1/1, Jan/Dez 2001

Apresentado no III Encontro Latino-americano dos Estados Gerais da Psicanálise, Buenos Aires, 2002